

FOTOGRAFIA DO TRABALHO ESCRAVO CONTEMPORÂNEO, CIRCULAÇÃO E HISTÓRIA: PENSAR A IMAGEM

Data de aceite: 28/03/2023

Geovanni Gomes Cabral

Professor do Programa de Pós-Graduação
em História da Universidade Federal do Sul
e Sudeste do Pará.
geocabral@unifesspa.edu.br
[/https://orcid.org/0000-0003-0768-8525](https://orcid.org/0000-0003-0768-8525)

Acessando a página da Organização Internacional do Trabalho¹, em números globais, no ano de 2021, foram registrados 49,6 milhões de pessoas que viviam em situação de escravidão moderna ou contemporânea, desse total 28 milhões realizavam trabalhos forçados. Quando olhamos os dados do Brasil, entre os anos de 1995 a 2020, mais de 55 mil trabalhadores foram libertados em condições de escravidão, segundo o Radar da Subsecretaria de Inspeção do Trabalho (STI). Um quantitativo alarmante onde percebemos que o trabalho escravo resiste ao tempo, diante dos “olhos” das autoridades e do grande capital. Outra informação é que grande parte desses trabalhadores são homens, na faixa etária entre 18 e 44 anos, compondo um percentual de 33% de analfabetos. Em termos geográficos, o território amazônico lidera o quantitativo de casos, ficando o Pará com os maiores registros de violação e exploração.

INTRODUÇÃO

Nos últimos anos, passamos a ouvir, ler e visualizar uma série de denúncias tendo como tema o trabalho escravo contemporâneo. Os principais jornais de circulação no país passaram a veicular em suas redes sociais e a descrever um cenário de exploração, escravidão e violação aos direitos humanos. Os números crescem a cada operação e investigação, ampliam-se as manobras e estratégias para atrair esse quantitativo de homens e mulheres que são levados para o trabalho forçado.

1. ORGANIZAÇÃO INTERNACIONAL DO TRABALHO. Trabalho Forçado. Disponível em: <https://www.ilo.org/brasilia/temas/trabalho-escravo/lang--pt/index.htm>. Acesso em: 10 nov. 2022.

As informações acima são fruto de investigações e combate por parte de uma equipe de trabalho, que busca apurar as denúncias e providenciar o resgate. Nesse contexto, entram em cena membros da Secretaria de Inspeção do Trabalho, Polícia Federal, Ministério Público e o Grupo Especial de Fiscalização Móvel, este último formado pelos auditores fiscais. Não é algo simples, pois exige todo um mapeamento desde a denúncia até as ações finais. E nessa área de atuação, existe um direcionamento para que tudo seja devidamente registrado e anotado. Um desses registros são as fotografias. Elas podem partir de agentes da Comissão Pastoral da Terra, dos Auditores Fiscais ou de outros que estão no comando da operação. É nesse contexto que muitas fotografias são produzidas, com o objetivo de serem somadas no ato do processo e da investigação.

Nosso objetivo aqui é pensar essa fotografia e suas múltiplas temporalidades, refletindo de que forma essas imagens nos ajudam a combater essa prática de trabalho compulsório, diante desse tempo congelado. São fotografias que adquirem um caráter público, que estabelecem uma relação entre a sua produção e circulação. Nesse sentido, a fotografia é percebida como uma experiência social, um filtro cultural marcado por uma historicidade que se conecta com as intenções e o olhar do fotógrafo. Não há como pensar em uma fotografia sem levar em conta a temática, o fotógrafo, as intenções de produção, a tecnologia e, principalmente, a iluminação (KOSSOY, 2014). E esses elementos são basilares quando estamos analisando seu enquadramento e sua estética.

Pode-se perguntar, por que trazer as imagens do trabalho escravo para o debate em tela? Que fotografias estão sendo mobilizadas e quem são seus autores? O primeiro ponto a ser respondido tem a ver com as pesquisas que venho desenvolvendo em torno do trabalho escravo contemporâneo. Tal investigação tem como fonte as imagens produzidas por fotógrafos que testemunharam com suas lentes, em diferentes espaços registros de violação aos direitos humanos e à vida. No segundo ponto as fotografias que estamos mobilizando encontram-se reunidas no álbum denominado *Retrato Escravo*. Esse fez parte de um projeto da Organização Internacional do Trabalho, que buscou registrar a escravidão contemporânea em diferentes locais do Brasil, por meio dos olhares e câmeras de Sérgio Carvalho (Auditor Fiscal, integrante do Grupo Móvel e Fotógrafo) e João Ripper (Fotógrafo).

Seguindo essas reflexões, comecei a levar algumas dessas fotografias para a sala de aula, no curso de licenciatura em História da Universidade do Sul e Sudeste do Pará (Unifesspa), na disciplina de Práticas Curriculares Continuadas. A pretensão foi mostrar como trabalhar com essa fonte documental e explorar seu tecido imagético. A provocação era poder instigar os estudantes para o potencial da fotografia, com uma temática que envolve política, direitos humanos, tráfico de pessoas, violações e justiça. Por outro lado, o fato de estarmos no sudeste paraense já tensionava, por ser uma região marcada por vários

conflitos de terra e prática de trabalho escravo. O resultado foi muito significativo, pois percebia o envolvimento diante do olhar, histórias eram narradas e a fotografia direcionava o debate. Surgiram várias questões e histórias que estavam atreladas ao poder imagético dessas fotografias e aos relatos das experiências de amigos ou famílias que, de certa forma, conviveram com algum tipo de violência, atrelado ao trabalho escravo.

As fotografias de João Ripper e Sérgio Carvalho tanto possibilitaram a construção desse conhecimento histórico, por meio dessa visualidade em torno do trabalho escravo como permitiram pensar no ato fotográfico — com seus enquadramentos, cores, formas e estéticas — e em toda produção que norteia o trabalho do fotógrafo e suas tomadas de decisão no tempo e no espaço. Nesse contexto, foram pertinentes a leitura de Georges Didi-Huberman, que apresenta o estatuto da imagem como forma de resistência em seu livro *Imagens apesar de tudo* (2020), e do Boris Kossoy, em *Fotografia e História* (2014).

Precisamente na perspectiva do Walter Benjamin (2012, p. 249), quando menciona que “A história é objeto de uma construção cujo lugar não é o tempo homogêneo e vazio, mas o preenchido de ‘tempos de agora’”. Pensar nessas fotografias é mergulhar nesses “agoras”, nesses instantes que nos perturbam, nos incomodam, que exigem leituras, engajamento e um trabalho de conscientização principalmente nas escolas. As fotografias são apresentadas nesse contexto como um ato político de denúncia, de repúdio a uma série de violações aos direitos de homens e mulheres no campo trabalhista. O texto está dividido em dois momentos, no primeiro momento exponho alguns aspectos do livro *Retrato Escravo*, de onde retirei as fotografias, e no segundo mostro algumas fotografias que serviram de debates e reflexões.

REGISTROS DO TRABALHO ESCRAVO CONTEMPORÂNEO

O livro *Retrato Escravo* — composto por 82 fotografias em preto e branco, distribuídas em 140 páginas — é um álbum que reúne um conjunto de fortes e potenciais fotografias de diferentes regiões do Brasil, sobre o trabalho escravo contemporâneo². É um trabalho político, ético e artístico. Olhares que nutrem um grito de justiça, de engajamento e de denúncia. Na sua composição podemos encontrar textos de Leonardo Sakamoto, da ONG *Repórter Brasil* e de Laís Abramo, diretora da Organização Internacional do Trabalho (OIT), no Brasil, à época do lançamento (em 2010). (Imagem 1). A capa é ilustrada por uma fotografia de João Ripper, de 1999, de um resgate de trabalhadores no Pará. Percebe-se que não se trata de uma simples operação, pelo número de homens em fila para

2. No tocante a esse campo de estudo e investigação, tem-se uma vasta bibliografia que congregam vários pesquisadores e pesquisadores de diferentes instituições, que se mantém na luta contra esse tipo de exploração laboral (SAKAMOTO, 2020; GUIMARÃES NETO, GOMES, 2018; FIGUEIRA, PRADO, GALVÃO, 2019; FIGUEIRA, 2004).

regularização dos dados trabalhistas, visando posteriormente o pagamento pelo tempo de serviço prestado. Também é possível observar que são homens com idades variadas e que a cena foi registrada no local onde ocorreu a atuação do Grupo Móvel.



Imagem 1. Capa do livro *Retrato Escravo*. Resgate de trabalhadores no Pará

Fonte: Acervo do autor. Fotografia de João Ripper, 1999.

Percorrer as páginas deste livro permite pensar em um Brasil que, em pleno século XXI, mantém pessoas escravizadas de norte a sul do país. As fotografias que estão dispostas nesse álbum são repletas de histórias, de memórias que se cruzam, permitindo um vasto leque de investigação, principalmente envolvendo as histórias desses homens e mulheres que estão representados nos enquadramentos desses fotógrafos. Os dados impressionam, como podemos perceber no *Caderno de Conflitos do Campo Brasil*, da Comissão Pastoral da Terra (2021):

Como resultado da lógica de exploração dos trabalhadores e trabalhadoras no campo, o trabalho análogo à escravidão continua a despontar como uma realidade chocante no Brasil. Se, em 2020, foram registradas 96 ocorrências, em 2021, esse número saltou para 169, envolvendo um total de 1.726 trabalhadores resgatados. Na região Sudeste, onde supostamente impera uma agricultura moderna, concentra a maior parte dos registros de trabalhadores em situação análoga à escravidão, particularmente no estado

de Minas Gerais. Tal dado, no entanto, não necessariamente indica que os resultados nas demais regiões sejam baixos, mas antes, que, nelas, há maiores dificuldades de fiscalização. (CONFLITOS NO CAMPO BRASIL, 2021, p. 27.)

São números que assustam. Escravos de um tempo que se diz moderno e tecnológico; escravos de um sistema capitalista avassalador, que nega a vida e os direitos de homens e mulheres que sobrevivem nessas condições, forçados ao trabalho escravo contemporâneo. No quadro a seguir podemos perceber melhor essa distribuição por regiões do país, na relação das ocorrências, denúncias e trabalhadores resgatados. Percebe-se que as regiões Centro-Oeste e Sudeste despontam nesse levantamento de 2021, tanto em ocorrências, quanto em resgates. Como o próprio levantamento sinalizou, nas demais regiões, não significa que o número foi reduzido, mas que nos últimos anos a falta de apoio e investimento por parte do governo, prejudicou bastante o trabalho de fiscalização e atuação do Grupo Móvel.

Regiões	Ocorrências		Trab. na denúncia		Trab. resgatados	
	Número	%	Número	%	Número	%
Centro-Oeste	37	22%	468	23%	415	24%
Nordeste	30	18%	221	11%	182	11%
Norte	33	19%	329	16%	143	8%
Sudeste	59	35%	947	47%	919	53%
Sul	10	6%	70	3%	67	4%
Total	169	100%	2035	100%	1726	100%

Quadro 1. Conflitos Trabalhistas/Trabalho Escravo Rural. Regiões do Brasil 2021.

Fonte: Conflitos no Campo, Brasil, 2021, p. 28.

João Ripper³ e Sérgio Carvalho,⁴ com esse trabalho fotográfico e documental, superam-se em suas intenções; enquadram em suas lentes um olhar humano, mas também político, diante das várias imagens registradas que envolvem o trabalho escravo. Testemunham violência, lágrimas e sofrimento, e encontram também registros de beleza e esperança, nos olhos dos fotografados. Mesmo diante das péssimas condições de trabalho, em que muitos enxergam apenas a exploração humana, os relatos desses fotógrafos encontram força para continuar. O livro reúne em suas imagens fotográficas uma realidade que muitos desconhecem, silenciam ou naturalizam como normal. Fala-se em trabalho escravo no meio rural ou nos centros urbanos, como uma notícia qualquer, sem pensar que esses espaços são permeados de violência e requintes cruéis no tocante à vida humana.

É impossível olhar e não ficar sensibilizado com sua estética, mesmo diante de um padrão de intenção voltado para um campo de denúncia, justiça e engajamento social. Nas palavras de Sérgio Carvalho à *ONG Repórter Brasil* (2010), durante o lançamento do livro, menciona que: “[...] acredito que a fotografia, como qualquer forma de expressão, pode e deve servir como instrumento de politização, de questionamentos, de mudança social e de denúncia”. João Ripper, nessa mesma coletiva, ressalta: “[...] acredito que a imagem ajuda a inverter uma condição que é inaceitável e que é preciso se ver para poder mudar. É é muito bom ver as pessoas sendo libertadas”.

Percebe-se nas palavras dos fotógrafos, a importância que ambos sinalizam para o teor documental que essas imagens representam diante do trabalho executado. Reunir essas fotografias não foi algo fácil, mediante as tensões, as escolhas, as diversas situações diante de uma realidade pautada por uma vulnerabilidade e descarte dos corpos. Mas afinal, o que caracteriza o trabalho escravo contemporâneo?

De acordo com o Código Penal, artigo 149, esse tipo de prática é caracterizado como violação ao trabalhador(a), quando alguém passa a ser reduzido à condição análoga à de escravo, o que envolve o cerceamento de liberdade (quando o trabalhador tem seus documentos retidos pelo empregador e é proibido de se deslocar a outro lugar); a servidão por dívida (na prática do cativo por dívida, o trabalhador passa a trabalhar e pagar por uma dívida que não tem fim); as condições degradantes de trabalho, moradia, vida e alimentação (CAVALCANTI, 2020). Nesse caso, vê-se a degradação da condição humana e a jornada de trabalho acima do permitido. Esses elementos citados caracterizam o que

3. João Roberto Ripper, fotógrafo autodidata do Rio de Janeiro. Trabalhou em vários jornais, como *Luta Democrática*, *Última Hora* e *O Globo*. Chegou a fundar a Agência F4, em 1985, onde registrou vários momentos de violência e conflitos agrários no Brasil. Em 1990, criou, sem fins lucrativos, o Imagem da Terra, uma agência especializada em fotografia documental de denúncia e luta social.

4. Sérgio Carvalho, fotógrafo autodidata do Piauí. Auditor Fiscal do Ministério do Trabalho. Começou documentando trabalhadores escravizados, no Pará e no Centro-Oeste, em 1996. Desde então, vem atuando em diferentes projetos de combate ao trabalho escravo, como forma de denúncia e transformação social.

muitas fazendas espalhadas no Brasil, principalmente aquelas ligadas ao agronegócio, fazem quando recrutam trabalhadores, homens e mulheres, que estão em busca de uma nova condição de vida e emprego. Os empregadores estabelecem promessas, brincam com sonhos e destroem vidas (SAKAMOTO, 2020). A sensibilidade e o olhar de Sérgio e Ripper registram essas violações, encontram nos gestos, no cenário do resgate e nos corpos, essa representação, esse sintoma social que insiste em continuar a existir em nome do grande capital.

É PRECISO VER PARA MUDAR

As cinco fotografias selecionadas e apresentadas a seguir são alguns exemplos de fragmentos visuais contidos no livro *Retrato Escravo* (2010). Elas são o produto de um filtro cultural, de um tempo paralisado e capturado por lentes e ações desses fotógrafos que encontraram nesses registros/criação uma memória, um lugar social de homens e mulheres que se viam em condições de violação de seus direitos humanos. A fotografia tem uma história (KOSSOY, 2014; BERGER, 2017) e essa história dispõe de um campo investigativo que se faz presente em seu enquadramento e representações.

Por meio dessa história, tem-se uma representação de uma realidade, um registro fragmentário concebido e materializado, em que os fotógrafos rompem fronteiras e enfrentam desafios para mostrar um Brasil que carrega um passado/presente ainda pautado por práticas de escravidão. Por isso, é preciso ver para mudar. A frase foi proferida por João Ripper, e se enquadra bem no objetivo de todas as fotografias deste livro. Não é apenas olhar, mas encontrar formas no engajamento político. Ou seja, como já mencionamos não podemos naturalizar esse tipo de crime contra a vida e a dignidade humana.

As fotografias dispostas abaixo, são exemplos de registros em diferentes atividades escravistas; temos o senhor com o saco nas costas, a criança de olhos fitos segurando o garfo na carvoaria, um trabalhador de extração de madeira e dois homens possivelmente trabalhando no desmatamento de alguma área. Cada uma com suas histórias e narrativas.



Imagem 2. Cana-de-açúcar, Ceará 2008.

Fonte: Fotografia de Sergio Carvalho. Livro *Trabalho Escravo*, p. 17.



Imagem 2. Carvoaria, Mato Grosso do Sul, 1988.

Fonte: Fotografia de João Ripper. Livro *Trabalho Escravo*, p. 113.



Imagem 3. Extração de madeira, Paraná, 2008.

Fonte: Fotografia de Sergio Carvalho. Livro *Trabalho Escravo*, p. 103.

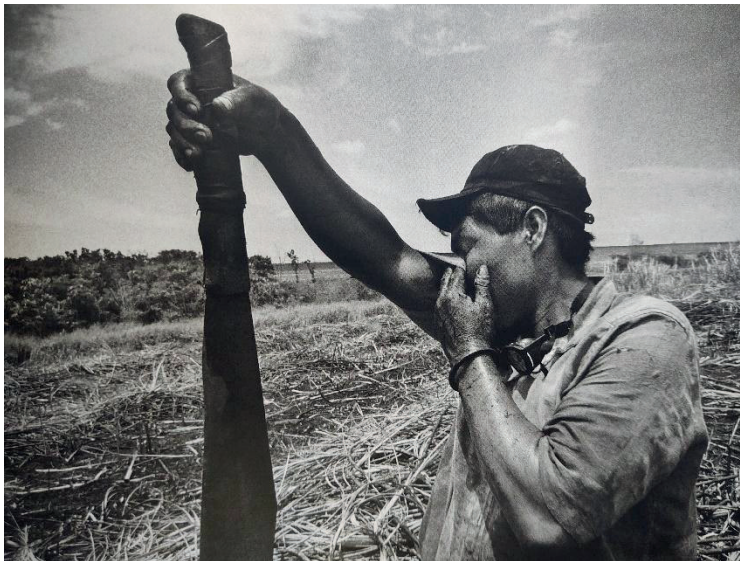


Imagem 4. Carvoaria, Minas Gerais, 2009.

Fonte: Fotografia de João Ripper. Livro *Trabalho Escravo*, p. 34.



Imagem 5. Desmatamento no Maranhão, 1998.

Fonte: Fotografia de Sérgio Carvalho. Livro *Trabalho Escravo*, p. 70.

Conhecer o livro e problematizar suas imagens fotográficas é procurar analisar a produção e a recepção dessas imagens, e sua forma de agenciamento, o que Ulpiano Meneses (2002) chama de “biografia da imagem”. Elas nos contam, sinalizam indícios, apontam fios diante de seu tecido imagético (KOSSOY, 2020). Nessa análise, é importante estranhar o que se olha e perceber a estética da imagem, o que não está dito e o que se faz presente nas cores, intenções e vidas precárias. Não estamos apenas visualizando uma fotografia qualquer, mas corpos, rostos, vidas que foram submetidas às condições de trabalho forçado e que se viram impedidas de romper as relações de poder estabelecidas.

João Ripper e Sérgio Carvalho permitem ir além desses enquadramentos imagéticos e trazem um problema para ser enfrentado diante de uma acumulação de capital voltado para práticas de exploração da força de trabalho escrava, principalmente nas fronteiras da Amazônia. As fotografias dispostas no livro representam um estatuto documental singular, dotada de informações, códigos, que se conectam em múltiplas representações políticas e culturais.

Dialogam, nesse sentido, com o livro *Imagens apesar de tudo* (2020) de Georges Didi-Huberman, que analisa quatro imagens fotográficas do horror nazista, capturadas pelo “comando especial”, formado por judeus, no campo de concentração em Auschwitz-Birkenau, em momentos de desespero, tensão e medo. Em suas argumentações, o autor mostra que essas fotografias, apesar de um drama humano congelado e testemunhado, representam uma resistência de cunho político contra o extermínio judaico. Menciona o

autor “Imagens apesar de tudo: apesar de nossa própria incapacidade de sabermos olhar pra elas como mereceriam, apesar do nosso próprio mundo repleto, quase sufocado, de mercadorias imaginária” (DIDI-HUBERMAN, 2020, p. 11).

Apropriando-se dessa interpretação, as fotografias do *Retrato Escravo* seguem nessa direção, nesse olhar que converge para a denúncia e resistência contra uma atividade ilegal de violação das leis trabalhistas. Essas fotografias de João Ripper e Sergio Carvalho carregam em sua materialidade esse potencial político, esse engajamento social, que nos convidam não apenas para olhar, mas para perceber seus sentidos, seus posicionamentos sociais, seu valor histórico. A fotografia vem como um “grito de alerta”.

Segundo Ana Maria Mauad (2018), esse conjunto fotográfico assume uma função pública, em um espaço público de debate e formação. Argumenta que não é pública porque foi publicizada, nesse caso reunidas em um livro, mas por ter no espaço público e social seu lugar de registro. Nesse sentido, utiliza a categoria de *fotografia pública* para problematizar os circuitos sociais dessa fotografia, sua propagação, circulação, consumo e exposição, envoltos da cena pública e recursos técnicos. A fotografia do *Retrato Escravo* torna-se pública para assumir essa postura política, para circular, para dar visibilidade a experiências dos sujeitos históricos nelas representados.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O que procurei discutir aqui foi o potencial imagético do trabalho de dois fotógrafos que se inseriram em vários estados e fronteiras do Brasil, registrando vidas, sentimentos, lágrimas, exploração trabalhista e violações aos direitos humanos. Suas fotografias não impactaram somente no ato do lançamento do livro, como um projeto ligado a Organização Internacional do Trabalho, tendo como eixo as práticas do trabalho escravo. Por sua vez, repercutiram por levarem a uma forma de resistência permeada por uma estética visual, testemunhal e documental. São imagens que dialogam com o olhar político, social e ético dos fotógrafos. Ambos com experiências nesse campo de registro social.

Os enquadramentos dispostos nas páginas do livro trazem histórias de trabalhadores vítimas do trabalho escravo, de sonhos interrompidos e de vidas precárias, associadas a uma mercadoria descartável. Ao mesmo tempo, provocam o olhar, seduz, arrancam suspiros e indignação. São imagens que apesar de tudo, existem para que não possamos esquecer. Os enquadramentos propostos por esses fotógrafos permitem trazer para a sala de aula uma temática cara para a história e o mundo do trabalho. São relatos e números que não param de crescer no País e no mundo (CABRAL, 2020). Cabe ressaltar que não foi objetivo deste texto apresentar pressupostos metodológicos para o uso da fotografia na

sala de aula, que aliás segue todo rigor da ciência histórica. A pretensão foi destacar o livro e como essas imagens podem potencializar o debate sobre a temática do trabalho escravo, em suas múltiplas leituras e representações sociais.

O trabalho escravo contemporâneo, registrado pelas lentes de João Ripper e Sérgio Carvalho, representa uma realidade desumana, de homens e mulheres que se encontram em condições de exploração e violação a seus direitos trabalhistas. Portanto, o livro *Retrato Escravo* é uma forma de resistência, de denúncia, um apelo para as autoridades frente às diversas formas de exploração humana que ainda persistem em várias regiões do País. Trazer para a sala de aula essas imagens, e problematizá-las, é permitir uma educação histórica de enfrentamento, engajamento, posicionamento ético e político.

REFERÊNCIAS

CABRAL, Geovanni Gomes. Fotografia e trabalho escravo: relatos e desafios contemporâneos no Pará. **Anos 90**, Porto Alegre, v.27, p. 1-20, 2020.

CAVALCANTI, Tiago Muniz. Como o Brasil enfrenta o trabalho escravo contemporâneo. *In*: SAKAMOTO, Leonardo (org.). **Escravidão Contemporânea**. São Paulo: Contexto, 2020.

CONFLITOS NO CAMPO: BRASIL, 2021. Centro de Documentação Dom Tomás Balduino. Goiânia: CPT nacional, 2022

BERGER, John. **Para entender uma fotografia**. Organização e introdução de Geoff Dyer. Trad. Paulo Geiger. 1. Ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2017.

BENJAMIN, Walter. **Magia e Técnica, Arte e Política**. Ensaios sobre literatura e História da Cultura. Vol. 1. Série Obras Escolhidas. Tradução de Sergio Paulo Rouanet. 8 ed. Brasiliense, 2012.

BORGES, Maria Eliza Linhares. **História e Fotografia**. 3.ed. Belo Horizonte: autêntica Editora, 2011.

BUTLER, Judith. **Quadros de guerra: quando a vida é possível de luto?** Trad. Sérgio Tadeu de Niemeyer Lamarão e Arnaldo Marques da Cunha. 4. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2018.

DIDI-HUBERMAN. **Imagens apesar de tudo**. Tradução de Vanessa Brito e João Pedro Cachopo. 1. ed. São Paulo: Editora 34, 2020.

FIGUEIRA, Ricardo Rezende. **Pisando fora da própria sombra: a escravidão por dívida no Brasil contemporâneo**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2004.

FIGUEIRA, Ricardo Rezende; PRADO, Adonia Antunes; GALVÃO, Edna Maria (org.) **Escravidão: moinho de gentes no século XXI**. 1. ed. Rio de Janeiro: Mauad X, 2019.

GUIMARÃES NETO, Regina Beatriz; PEREIRA, Airton dos Reis. Conflitos no campo e práticas de violência: Amazônia. *In*: DEZEMONE, Marcus; FONTES, Edilza (org.). **História oral e conflitos rurais: memórias de lutas**. São Paulo, SP: Letra e Voz, 2020.

GOMES, Ângela de Castro; GUIMARÃES NETO, Regina Beatriz. **Trabalho escravo contemporâneo: tempo presente e usos do passado**. Rio de Janeiro: FGV Editora, 2028.

KOSSOY, Boris. **História e Fotografia**. 5. ed. São Paulo: Ateliê Editorial, 2014.

KOSSOY, Boris. **Realidades e Ficções na Trama Fotográfica**. 5. ed. São Paulo: Ateliê Editorial, 2014.

KOSSOY, Boris. **O encanto de Narciso**: Reflexões sobre a fotografia. Cotia, SP: Ateliê Editorial, 2020.

MAUAD, Ana Maria. O olhar engajado: fotografia contemporânea e as dimensões políticas da cultura visual. **ArtCultura**, Uberlândia, v. 10, n.16, p.33–50, jan-jun, 2008.

MAUAD, Ana Maria. Como as fotografias visualizam a história pública? *In*: MAUAD, Ana Maria; SANTHIAGO, Ricardo; BORGES, Viviane Trindade (org.). **Que história pública queremos? What public history do we want?** São Paulo (SP): Letra e Voz, 2018.

MAUAD, Ana Maria. Fotografia pública e cultura visual, em perspectiva histórica. **Revista Brasileira de História da Mídia**, v. 2, n.2, p. 11-20, 2013.

MENESES, Ulpiano T, Bezerra de. A fotografia como documento – Robert Capa e o miliciano abatido na Espanha: sugestões para um estudo histórico. **Tempo**, Rio de Janeiro, n.14, 2002.

PRADO, Adonia Antunes (org.). **Olhares sobre a escravidão contemporânea**: novas contribuições críticas. Cuiabá: EdUFMT, 2011.

PEREIRA, Airton dos Reis. **Do posseiro ao sem-terra**: a luta pela terra no sul e sudeste do Pará. Recife: Editora UFPE, 2015.

REPÓRTER BRASIL. Livro e exposição “Retrato Escravos” serão lançados no TST. Disponível em: <https://reporterbrasil.org.br/2010/08/livro-e-exposicao-retrato-escravo-serao-lancados-no-tst/> . Acesso em: 12 dez. 2020.

RIPPER, João Roberto; CARVALHO, Sérgio. **Retrato escravo**. Organização Internacional do Trabalho (OIT), Brasília: OIT, 2010.

SAKAMOTO, Leonardo (org.) **Escravidão Contemporânea**. São Paulo: Contexto, 2020.

TRABALHO ESCRAVO. Condenação do Brasil pela Corte Interamericana de Direitos Humanos no Caso Fazenda Brasil Verde. Artecór Gráfica e Editora Ltda. Brasília, 2017.